

As condições sociais de tradução em literatura: notas de pesquisas recentes

The social conditions of translation in literature: recent research notes

Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

Colegiado de Ciências Humanas / Universidade Federal do Maranhão / Campus III -
Bacabal

Profa. Dra. Cidinalva Silva Câmara Neris

Colegiado de Ciências Humanas / Universidade Federal do Maranhão / Campus III -
Bacabal

RESUMO: A publicação recente de diversos trabalhos a respeito das razões e condições sociais de tradução em literatura e em Ciências Sociais mostra a pertinência e fertilidade das abordagens sobre a problemática da intensificação da circulação de indivíduos, ideias e bens simbólicos no espaço internacional. Dentro desse quadro, o objetivo do presente trabalho é apresentar algumas das contribuições de pesquisas empíricas inspiradas pela sociologia de Pierre Bourdieu e, por essa via, sugerir alguns temas, pistas e problemas de pesquisa suscetíveis de serem explorados a partir de uma perspectiva sociológica da tradução. Diferentemente da tendência de análise estritamente textual e internalista de alguns estudos tradutológicos, as pesquisas aqui discutidas atentam justamente para a questão do funcionamento das traduções em seus contextos de produção, circulação e apropriação transnacionais, delimitando os obstáculos e as hierarquias diversas que fazem da tradução um fenômeno submetido a relações de força e dominação.

Palavras-chave: Espaço internacional; Sociologia da tradução; dominação.

ABSTRACT: The recent publication of several papers on the reasons and the social conditions of literary translation in the field of Social Sciences shows the relevance and fertility of some approaches to the issue of the increasing movement of individuals, ideas and symbolic goods in the international arena. Within this framework, the goal of this paper is to explore some of the contributions of empirical studies inspired by the sociology of Pierre Bourdieu and, hence, to suggest some themes, tracks and research problems to be explored from the perspective of sociology of translation. Unlike some strictly text-based and internalist-oriented trends in translation studies, the researches here discussed focus on the functioning of translations in their contexts of production, as well as on their transnational circulation and appropriation. These approaches allow us delimiting the obstacles and the various hierarchies that make translation a phenomenon subject of power relations and domination.

Keywords: International arena; Sociology of translation; domination.

Introdução

A publicação recente de diversos trabalhos a respeito das razões e condições sociais de tradução em literatura e em Ciências Sociais (SAPIRO, 2012a; 2012b; 2012c; 2012d) mostra a pertinência e fertilidade das abordagens sobre a problemática da

intensificação da circulação de indivíduos, ideias, modelos institucionais e bens simbólicos dominantes no espaço internacional (ALMEIDA et al, 2004; CANEDO et al, 2013; DEZALAY; GARTH, 2002; SEIDL, 2013). Frente a esse quadro, evidentemente, estaria fora de questão tentar esboçar aqui uma síntese da diversidade de pesquisas em curso, as quais denotam a maturidade do acúmulo de conhecimentos na área e alimentam um campo fértil de debates interdisciplinares (FERNÁNDEZ, 2001; DANTAS, 2012). Nosso objetivo, muito mais modesto, consiste em explorar algumas das contribuições de trabalhos empíricos atuais inspirados pela sociologia de Pierre Bourdieu e, por essa via, sugerir alguns temas, pistas e problemas de pesquisa suscetíveis de serem realizados a partir de uma *perspectiva sociológica da tradução* (CASANOVA, 2002; HEILBRON; SAPIRO, 2009; SAPIRO, 2014). Desse modo, desejamos apenas reforçar (pedagogicamente) alguns raciocínios sociológicos presentes em pesquisas recentes e que podem inspirar pesquisadores e estudantes a investir nessa temática.

Precisamente nesse sentido a escolha do tema da tradução não nos parece fortuita. De início, por que a tradução não é tomada aqui simplesmente como um deslocamento neutro e unidirecional de um texto de um campo literário ou acadêmico nacional para outro, submetido em maior ou menor grau a distorções entre o “texto fonte” e a “cultura alvo” (CASANOVA, 2002). Como bem esclarece Pascale Casanova (2002) em relação aos estudos literários, essa percepção supõe não apenas a existência de campos nacionais equivalentes, como também a ocorrência de uma “troca linguística igual”, quer dizer, realizada entre línguas nacionais em condições simétricas e justapostas – pressuposto esse que autorizaria a diversos estudos tradutológicos concentrarem-se tão somente sobre as distorções que a translação provoca sobre o texto original.

Contrariamente à tendência de análise estritamente textual e internalista de alguns estudos, as pesquisas que serão aqui discutidas atentam justamente para a questão do funcionamento das traduções em seus contextos de produção, circulação e apropriação transnacionais, delimitando os obstáculos e as hierarquias diversas que fazem da tradução um fenômeno relacional assimétrico, submetido a relações de força e dominação (HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 15). Ante o exposto, o texto que segue apresentará a seguinte estrutura: primeiramente, discutiremos algumas das sugestões teórico-metodológicas oriundas dos trabalhos de Pierre Bourdieu, notadamente quanto à circulação internacional de ideias e as formas de recepção de obras. Em seguida,

apresentaremos alguns ângulos de abordagens presentes em pesquisas empíricas que, inspiradas em seu instrumental teórico, parecem-nos bastantes sugestivas para uma apreensão propriamente sociológica da tradução.

A circulação internacional de bens culturais

Em um pequeno texto intitulado “As condições sociais de circulação internacional das ideias”, pronunciado na ocasião de uma conferência na Universidade de Freiburg, em 1989, Pierre Bourdieu se questionava se haveria uma vida intelectual espontaneamente internacional, ao que responde negativamente. Além de a vida intelectual ser “o lugar de nacionalismos e imperialismos, ideias pré-concebidas, representações sumárias muito elementares”, etc., o que preocupava o autor era precisamente o fato de considerar que “as trocas internacionais são submetidas a um determinado número de fatores estruturais que são geradores de mal-entendidos colossais” (BOURDIEU, 2002a, p. 6). Compreender alguns dos mecanismos sociais que operam nesse processo e que representariam um obstáculo para o desenvolvimento de “um programa europeu de pesquisa científica a respeito das relações científicas europeias” (BOURDIEU, 2002a, p. 5) constituiu o objetivo dessa comunicação, cujos elementos principais podem ser sumariamente apresentados:

- Para Pierre Bourdieu, o fato de os textos não circularem com seu contexto, ou seja, de não importarem consigo o campo de produção com e contra os quais foram produzidos, faz com que, ao serem introduzidos em um campo de produção diferente, eles sejam submetidos a uma reinterpretação em função da estrutura do campo de recepção. Como o sentido e a função de uma obra em seu campo de origem são recorrentemente ignorados, o significado adquirido por este ou aquele trabalho é determinado em grande medida pelo campo de chegada;
- Essa resignificação é operada por uma série de mecanismos sociais, tais como: *operações de seleção* (o que se traduz? o que se publica? quem traduz? quem publica?); *operações de marcação e etiquetagem* realizadas por editoras, autores, disciplinas, etc.; e as *operações de leitura*, por meio das quais aplicam-se às obras categorias de apreciação e problemáticas que são o produto de um campo de produção diferente.

- Por meio da reconstituição do campo de chegada pode-se compreender melhor os efeitos dos jogos a que são submetidos os autores e obras traduzidos. Estes envolvem desde o reforço de posições dominantes até formas de fortalecimento de posições dominadas, sempre comportando uma variedade de combinações. É através da reconstituição dessas posições, por exemplo, que se torna possível apreender as afinidades ligadas à identidade (ou homologia) que favorecem a tradução de autores com os quais se guarda convergência de interesses, estilos, partidos e projetos intelectuais. “Pensadores de grande elasticidade são, nesse sentido, prato cheio para esses usos estratégicos”, enfatizava Pierre Bourdieu (2002a, p. 9). Da mesma forma, a caracterização de contextos intelectuais e sociais distintos permite compreender como se constituem, por vezes, “oposições fictícias entre coisas semelhantes e falsas semelhanças entre coisas diferentes” (BOURDIEU, 2002a, p. 10).
- Além disso, essa seleção vem acompanhada de formas de anexação e marcação por meio das quais são consagradas determinadas leituras e interpretações dos textos, ressaltam-se questões e problemáticas específicas, por vezes residuais para o autor, ao mesmo tempo em que se consagra a autoridade interpretativa do tradutor, do comentador. Essa etiquetagem envolve, inclusive, a estrutura tipográfica da obra, as imagens de capa, a repartição do texto com suas ênfases, sucessões de prefácios, etc., por meio dos quais também se opera uma série de transformações, ou até mesmo de deformações da mensagem original.

Em síntese, para Pierre Bourdieu, a circulação internacional de ideias e bens culturais é vista como um componente importante das lutas internacionais para a dominação em matéria cultural e encontram suas bases mais seguras “nas lutas internas de cada campo nacional, lutas dentro das quais a definição nacional (dominante) e a definição estrangeira são elas próprias utilizadas como armas ou como aquilo que está em jogo” (BOURDIEU, 2002a, p. 14-15). Nessa perspectiva, a compreensão sobre o ato de traduzir e os fluxos das traduções exige tanto localizá-las em um quadro transnacional de relações de dominação, quanto reconstituir os diferentes obstáculos, desafios e estratégias a que são submetidos os textos em função do campo cultural de recepção (HEILBRON; SAPIRO, 2009). Dito de outro modo, é precisamente pela

reconstituição desse universo intermediário que se constroem e se moldam os agentes e as instituições encarregados de produzirem, reproduzirem ou difundirem a arte, a literatura ou a ciência dentro de quadros nacionais, que se consegue apreender as leis sociais mais ou menos específicas que pesam sobre as transferências ou trocas internacionais (BOURDIEU, 2002a; REIS, 2013).

Como mencionado acima, essas proposições têm se demonstrado importantes para a constituição de um instigante programa de pesquisa científica sobre as traduções e as formas de circulação e recepção de bens culturais no espaço internacional. De maneira geral, essas pesquisas têm procurado enfrentar alguns eixos principais de questões tais como: Qual a estrutura do espaço das trocas culturais internacionais? Que tipo de lógicas e exigências (econômicas, culturais, políticas) impedem ou favorecem a circulação de obras entre as culturas? Quais são os princípios de seleção e os critérios de julgamento empregados pelos atores que dela participam? Quem são os agentes, instâncias e instituições que se encarregam da intermediação dessas trocas culturais? Qual a estrutura do campo de produção cultural nos países de destino (controle dos impressos, campo editorial, coleções especializadas, políticas editoriais, espaço das revistas e periódicos, instâncias de consagração) e de que maneira ela condiciona parte da transferência em pauta? Quais as estratégias empregadas pelos atores especializados na intermediação para preservação ou subversão da hierarquia dos valores desse campo?

Elementos para uma sociologia da tradução

Embora esteja também fora de questão a realização de um balanço dessas pesquisas, o que ultrapassaria em muito os limites deste espaço, ainda assim valeria a pena tecer comentários sobre trabalhos empíricos recentes, e que demarcam algumas dimensões centrais de uma abordagem propriamente sociológica da tradução (HEILBRON; SAPIRO, 2009; SAPIRO, 2014). Para tanto, particularmente instrutivas são as perspectivas apresentadas por Heilbron e Sapiro (2009) em um balanço recente sobre esse campo de análise. Para os referidos autores, a apreensão das implicações, obstáculos e funções das traduções, bem como de suas agências, agentes e do próprio espaço em que se situam exige levar em consideração quatro dimensões fundamentais: (I) *a estrutura do espaço internacional*; (II) *os princípios de diferenciação das lógicas de troca*; (III) *os agentes da intermediação*; (IV) *as lógicas de recepção*. Embora essa grade de leitura seja muito sumária, ela permite demarcar alguns dos principais eixos de

questões examinadas, além de auxiliar na exploração das conexões entre discussões teóricas e os trabalhos que têm animado essa discussão no Brasil.

I. A primeira dimensão decorre da compreensão de que o ato de traduzir deve ser localizado em um quadro de transferência transnacional desigual, marcado por relações de força e dominação entre países e grupos linguísticos, suas línguas e literaturas (HEILBRON; SAPIRO, 2009). Nessa perspectiva, vale a pena atentar aqui para nos esforços de Pascale Casanova (2002) para a reconstituição da estrutura do *campo literário mundial*. Dando seguimento à teoria dos campos de Pierre Bourdieu, para essa autora, o campo literário mundial “se estrutura de modo durável, ao mesmo tempo segundo o volume e antiguidade do capital literário e segundo o grau correlativo de autonomia de cada campo literário nacional” (CASANOVA, 2002, p. 8, *tradução nossa*). Por seu turno, o capital literário denotaria o prestígio, o reconhecimento atribuído a uma língua, ao refinamento de suas formas literárias, ao número de textos declarados como universais, à quantidade de traduções e aos efeitos literários decorrentes, ao número de locutores, etc., os quais permitem caracterizar o sistema linguístico mundial segundo a oposição entre línguas dominantes e dominadas (oposição que a autora prefere à ideia de línguas centrais e periféricas):

A distribuição desigual desse capital ordena o campo linguístico literário segundo uma oposição entre as línguas literárias dominadas de uma parte – línguas recentemente “nacionalizadas” (ou seja, tornadas línguas nacionais de maneira relativamente tardia), dotadas de pouco capital literário, de pouco reconhecimento internacional, de um pequeno número de tradutores (nacionais e internacionais) ou mal conhecidos e permanecendo longamente invisíveis nos grandes centros literários (como o Chinês e o Japonês) – e de outro lado as línguas dominantes, que, devido ao seu prestígio específico, à sua antiguidade, ao número de textos declarados universais escritos em suas línguas são dotadas de um volume importante de capital literário (CASANOVA, 2002, p. 9, *tradução nossa*).

Por seu turno, formado pela (quase) totalidade dos campos literários nacionais, o espaço literário internacional é ordenado segundo a oposição entre, de um lado, um polo dominante (mais autônomo, cosmopolita, dotado de capital literário, voltado para a arte pura ou desinteressada) e, de outro, pelos campos nacionais mais dominados (com menor autonomia, menos dotados de capital, produtores de uma arte comprometida com princípios exógenos – política, religião, economia, etc.) (CASANOVA, 2002;

DANTAS, 2012). Quer dizer, haveria aqui uma correspondência entre a estrutura de cada campo nacional e o campo literário internacional. Assim, dado que “os campos nacionais se estruturam também segundo a oposição entre um polo autônomo e cosmopolita, e um polo heterônomo, nacional e político”, “a posição de cada espaço nacional na estrutura mundial depende de sua proximidade a um dos dois polos, ou seja, de seu volume de capital” (CASANOVA, 2002, p. 8, *tradução nossa*). Nesse quadro, impõe-se uma definição da tradução como uma relação de força cujo significado dependeria de pelo menos três instâncias que a fundam, sempre na visão da autora: 1) primeiramente, da *relação entre as línguas de partida e de chegada*; 2) em seguida, 2) do *lugar ocupado pelo autor traduzido no campo literário nacional* e, por seu turno, no campo mundial; 3) por último, da *posição do tradutor e dos diversos agentes e instâncias consagradas* que participam do processo de consagração de uma obra.

Tendo em vista as diversas posições possíveis no espaço linguístico-literário internacional, podem-se distinguir alguns movimentos na perspectiva de Casanova que parecem bastante profícuos para a reflexão sobre os fluxos de tradução: de início, a tradução de uma língua dominante em direção a uma língua dominada; por outro lado, a tradução de uma língua dominada em direção a uma dominante; a tradução de uma língua dominante em direção a outra dominante e, por fim, de uma língua dominada para outra dominada. Destarte, a significação da tradução depende sempre da posição dos autores traduzidos e dos tradutores, ao mesmo tempo no campo nacional e segundo o seu lugar no espaço mundial (CASANOVA, 2002).

Interessada pelos dois primeiros movimentos, Pascale Casanova distingue então alguns condicionantes desses movimentos que vale a pena mencionar: em primeiro lugar, dado que *a tradução* serve como instrumento para *acumulação de capital*, os escritores procedentes de campos literários dominados trabalham para importar/traduzir os grandes textos “universais” visando aumentar o capital simbólico da literatura nacional e, sem dúvida, a do próprio tradutor – ele também inscrito em um espaço de concorrência nacional (CASANOVA, 2002). Além disso, na perspectiva de Heilbron e Sapiro (2009, p. 24), “a tradução para as línguas centrais constitui uma consagração que modifica a posição de um autor em seu campo literário de origem”. Noutros casos, “autores dominados em um campo dominante podem, por exemplo, tentar melhorar sua posição traduzindo autores dominantes dos campos dominados”, da mesma forma que “iniciantes ou os autores que ocupam uma posição relativamente marginal são geralmente tentados pela tradução de autores promissores ainda desconhecidos”

(HEILBRON; SAPIRO, 2012, p. 25). Tudo isso que demonstra o quanto as estratégias dos autores podem assumir um amplo gradiente de possibilidades (HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 24).

Ocorre que, em um espaço de troca internacional fortemente hierarquizado, no qual o valor literário de um texto depende, em boa medida, da língua na qual ele foi redigido, “essa desigualdade tem efeitos tão potentes que ela pode impedir objetivamente (ou ao menos tornar difícil) o reconhecimento ou a consagração de escritores praticantes de línguas dominadas” (CASANOVA, 2002, p. 14, *tradução nossa*). Não seria necessário recorrer aqui a vários exemplos de autores brilhantes praticamente desconhecidos no universo da literatura internacional (pensemos aqui em Machado de Assis, mas não somente) que constituem exemplos lapidares dos efeitos implacáveis dessa hierarquia linguístico-literária sobre os modos de acesso ao reconhecimento e consagração¹ literários e à própria circulação de textos. O que interessa destacar, no entanto, é que os fluxos de traduções em nível internacional demonstram algumas regularidades, como bem demonstrado por Heilbron e Sapiro (2009, p. 17):

Essa estrutura hierarquizada induz imediatamente certas regularidades nas modalidades de circulação dos textos por via da tradução. Primeira constatação: os fluxos de tradução ocorrem mais do centro para a periferia que o inverso. Segunda constatação: a comunicação entre línguas periféricas passa com bastante frequência pelo intermédio de um centro. Quanto mais central é uma língua, maior é a sua capacidade de funcionar como língua intermediária ou veicular. A tradução inglesa ou francesa de uma obra norueguesa ou coreana é imediatamente anunciada por seu editor, que sabe que a tradução para uma língua central será imediatamente seguida por uma leva mais ou menos grande de traduções para outras línguas. Quanto mais uma língua é central no sistema mundial de tradução, mais numerosos são os gêneros de livros traduzidos desta língua.

II. Ainda no âmbito da compreensão da estrutura do campo literário mundial e nacional, bem como dos fluxos de traduções em nível internacional, propostos por Casanova, remete-se à questão dos “princípios de diferenciação das lógicas de troca”. Conforme Heilbron e Sapiro (2009), essas lógicas das trocas devem ser concebidas em função do relativo grau de autonomia dos campos de produção cultural nos países considerados, notadamente em relação ao campo político e ao econômico. Trata-se aqui,

¹ Evidentemente, a consagração (ou o seu inverso) não é tomada pela autora como uma conquista realizada de uma vez por todas, uma vez que é possível “apreender no itinerário de numerosos escritores, em todas as etapas de sua consagração progressiva, todos os degraus e todas as possibilidades de transformação dos textos”.

vale ressaltar, de uma temática cara aos trabalhos do próprio Pierre Bourdieu (1996) e de pesquisadores próximos, qual seja, a do grau variável de autonomia do campo literário (PESSANHA; GARCIA JUNIOR, 2013; SAPIRO, 2004). Em todo caso, para os autores, essa questão da autonomia permite caracterizar basicamente dois quadros.

O primeiro abrange a situação daqueles países nos quais tanto o campo econômico, quanto as instâncias e profissionais de produção cultural encontram-se subordinados ao campo político e/ou ao próprio Estado (HEILBRON; SAPIRO, 2009). Esta corresponde precisamente à conjuntura de forte heteronomia estudada por Loana Popa (2002), que se interessou pelo estudo da importação para a França de obras literárias procedentes da Tchecoslováquia, Polônia, Hungria e Romênia no período de instauração de regimes comunistas no leste europeu. Quer se trate da circulação legal ou ilegal de obras, o que importa ressaltar dessa pesquisa é a maneira como a autora conecta o processo de transferência literária às conjunturas de forte politização, as quais não apenas constroem e interditam como também influem sobre os mecanismos de consagração em vigor. Assim, apoiada sobre a análise de um *corpus* documental composto por 1.092 livros traduzidos por 392 escritores, desigualmente distribuídos entre os quatro países, e publicados ao longo de três décadas, a autora pôde captar alguns dos mecanismos heterogêneos que pesam sobre a tradução nessa configuração (tipo de suporte material da tradução; regime temporal da publicação da edição original; área de circulação; estatuto lícito ou clandestino das obras no momento de sua produção e de sua tradução). Levando em conta esses critérios, Loana Popa distingue então 6 tipos de circuitos de tradução: os três primeiros pertencentes aos espaços autorizados – circuitos de “exportação”, “oficial” e “patrimonial”, e os restantes inscritos nos espaços não autorizados – circuitos “semi-oficiais”, “paralelos” e, enfim, “diretos” e de “trânsito” (POPA, 2002, p. 56).

Com efeito, essas considerações a respeito das interdependências entre a importação e apropriação de bens culturais e as configurações históricas marcadas por acentuada politização da vida social parecem particularmente heurísticas para o estudo do caso brasileiro. De fato, apesar da existência de poucos estudos sistemáticos sobre as características objetivas e estruturais dos domínios culturais, um conjunto importante de pesquisas recentes têm demarcado o peso da relação histórica estabelecida aqui entre “profissionais da manipulação dos bens simbólicos”, notadamente as elites culturais, com a “política” ou o “Estado” (ALONSO, 2002; CARVALHO, 1996; GARCIA JR., 1993; MICELI, 1979; PECAUT, 1990; REIS, 2013). Combinados aos achados

indispensáveis das abordagens historicizantes do político (BADIE, 1992; BADIE; HERMET, 1999; SEIDL; GRILL, 2013), esses trabalhos têm permitido compreender que: 1) em sociedades periféricas estruturadas a partir da expansão do Ocidente, como a brasileira; 2) importadoras de instituições, modelos culturais e filosofias exógenas - só que destituídas do seu contexto de produção, exigindo processos de apropriação e ajustamento conforme outras racionalidades e lógicas de consumo cultural; 3) bem como marcadas pela baixa diferenciação entre esferas sociais (política, religiosa, econômica, intelectual...), a análise das dinâmicas de transferência ou troca internacional de bens simbólicos ressaltam tanto para o peso das interferências do jogo político sobre as tomadas de posição no campo cultural, propriamente dito, quanto as estratégias de legitimação adotadas por elites políticas e culturais visando conquistar ou manter posições de poder nas várias esferas pelas quais transitam (a este respeito, consultar: CORADINI; REIS, 2012; REIS, 2013).

Em segundo lugar, nos campos de produção cultural mais regidos pela lógica do mercado, retomando aos marcos de Heilbron e Sapiro (2009), nota-se cada vez mais a preponderância das lógicas econômicas e seus critérios de rentabilidade sobre os critérios de transferência literária e cultural². Como também evidenciava Marta Pragana Dantas (2012), em uma conjuntura de unificação do mercado mundial da edição (SAPIRO, 2012d) e de intensificação das trocas internacionais, o processo em curso de hiperconcentração do mercado editorial nas mãos de grandes grupos transnacionais (cuja tendência pode ser observada em diversos países, incluindo o Brasil) levanta problemas acerca do respeito ao pluralismo e à própria diversidade cultural. A questão nesse caso associa-se aos efeitos que esses critérios de julgamento têm sobre o próprio campo editorial na medida em que tendem a privilegiar a tradução de obras avaliadas muito mais em função do número de vendas, do que pelo seu valor intelectual e estético. Aqui reencontramos claramente a pertinência da oposição entre um polo de grande produção, mercantil, e um polo de produção restrita, intelectual, teorizado por Pierre Bourdieu em suas análises do campo literário e editorial³ (BOURDIEU, 1996; 2002b).

² Vale ressaltar que, para os autores, essa dominância do mercado deveria ser melhor descrita e analisada, uma vez que a preponderância de instâncias mercadológicas não significaria, necessariamente, a exclusão das dimensões políticas e simbólicas e a intervenção de fatores propriamente culturais (HEILBRON; SAPIRO, 2009).

³ “Essa oposição se reencontra tanto no nível nacional, permitindo comparar a situação e o funcionamento dos mercados nacionais, quanto no nível do mercado mundial da tradução, no qual esses mercados são inscritos: de um lado, um polo de grande produção regido por agentes que impõem seus critérios e seus métodos, organizam os leilões sempre mais elevados, em defasagens cada vez mais curtas (às vezes sobre simples sinopse de um livro ainda não escrito), de outro, um polo de produção restrita fundado sobre uma

Inscrito em um quadro de pesquisa internacional bem mais amplo que visa combinar abordagens objetivistas e perspectivistas, o trabalho recente de Marta Pragana Dantas e Artur Perrusi (2012) parece ser bastante sugestivo quanto à forma de operacionalizar essas perspectivas. Focalizando os obstáculos econômicos, políticos e culturais da tradução de obras francesas no mercado editorial brasileiro, os autores demonstram alguns dos efeitos do processo de concentração e unificação do mercado editorial nacional, ao passo em que exploram como ocorre um declínio da influência da cultura francesa frente à hegemonia progressiva do inglês. Gostaríamos de destacar pelo menos três elementos metodológicos importantes desse processo de reconstituição, que podem ser pedagogicamente instrutivos para outros trabalhos. Primeiramente, para os autores a discussão sobre a questão da tradução exige localizá-la dentro do quadro de dependência e subalternidade que caracterizaria a própria formação do Brasil e de sua tradição literária. Por essa via, os autores puderam demarcar não somente a juventude da constituição de um campo de tradução no sistema cultural brasileiro, quanto mas também a sua relativa ambiguidade, uma vez que pôde servir tanto às estratégias tanto de descolonização, quanto de construção de uma identidade nacional, sempre mantendo, no entanto, a situação de dependência desse mercado.

A análise da estrutura do mercado editorial brasileiro, por outro lado, permitiu aos autores demarcar alguns obstáculos e tendências desse campo. Entre os obstáculos estruturais, destacam-se: o problema das desigualdades regionais; a ausência de uma tradição de leituras; os obstáculos decorrentes da insuficiência e precariedade de estabelecimentos públicos; a dependência do setor editorial à política de aquisição de livros escolares pelo Governo; o preço elevado do livro no Brasil, com relação ao poder de compra da população, entre outros aspectos. Quanto às tendências, asseveram que apesar da resistência dos pequenos editores, que jogam um papel decisivo na biodiversidade do mercado e para o próprio funcionamento do “circuito de produção restrita”, “o mercado editorial brasileiro é oligopolizado, concentrado e desigual e avança em direção à desnacionalização” (DANTAS; PERRUSI, 1973, p. 173, *tradução nossa*). Não estranha, pois, que ao avaliarem os relatórios anuais sobre a produção e vendas do setor editorial brasileiro constatem uma tendência de baixa do número (diversidade) de títulos traduzidos, acompanhado de uma alta relativamente importante

rede internacional e um canal de cooperação entre editores, tradutores e autores partilhando valores estéticos e éticos semelhantes, no que concerne à literatura, ou ainda, sobre as interconexões entre redes editoriais e acadêmicas para o que concerne às ciências humanas e sociais” (SAPIRO, 2012, p. 33, *tradução nossa*).

do número de exemplares, fenômeno esse que pode estar ligado tanto às compras do Governo, no quadro do programa de aquisição de livros para bibliotecas escolares, quanto ao grande sucesso de vendas de livros de ficção traduzidos do inglês, notadamente aqueles *best-sellers* e livros para a juventude (*Harry Potter, A menina que roubava livros; Marley e eu; O senhor dos Anéis...*). Independentemente disso, concluem os autores que a lógica do mercado editorial brasileiro acompanha a tendência mais geral de reforço da *hegemonia linguística* do inglês, resultante da convergência “de interesses no campo empresarial, editorial e linguístico” (DANTAS; PERRUSI, 1973, p. 178, *tradução nossa*). É o que também atesta a larga maioria de editores entrevistados, os quais admitem “a impossibilidade de escapar da lógica mercantil” (DANTAS; PERRUSI, 1973, p. 178, *tradução nossa*).

III. Ainda no âmbito da compreensão da estrutura do campo literário mundial e nacional e das condições sociais de circulação internacional de bens culturais, há que destacar-se também o papel de instituições e atores especializados na intermediação das traduções (HEILBRON; SAPIRO, 2009). *Grosso modo*, podem-se identificar três eixos maiores entre as questões de interesse dessa dimensão de análise: os atores associados às lógicas políticas (institutos culturais, instâncias de concessão de apoios, adidos culturais, encarregados do livro, etc.), os quais desempenh(ar)am papel importante para a regulação dos direitos autorais e organização das trocas internacionais; os atores econômicos (editores, agentes literários) que atua(ra)m para a criação para a criação e manutenção de um mercado de bens culturais cada vez mais unificado e relativamente autônomo; e os agentes, profissionais ou amadores, pertencentes ao campo literário ou intelectual propriamente dito (SAPIRO, 2014). É, sem dúvida, dentro desse conjunto interdependente que se opera um complexo jogo de seleções, classificações que operam a crítica, os reconhecimentos e consagrações. O que incita a tomar a “atividade de tradução como um campo regido por uma lógica de concorrência pelo monopólio da legitimidade fundada na acumulação do capital simbólico” (HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 23).

Se todos os aspectos até aqui mencionados nos levam a concordar sobre a importância para a sociologia da tradução da apreensão dessa cadeia de profissionais e classificações operadas pela crítica, pela imprensa, pelas instâncias de difusão e consagração, etc., os quais supõem um trabalho específico e uma economia própria, é necessário concordar também com os mesmos autores quanto à necessidade de

distinguir a tradução literária da tradução técnica ou profissional (HEILBRON; SAPIRO, 2009), o que remete às próprias especificidades da tradução em literatura e em ciências sociais e humanas (SAPIRO, 2012d; 2014). É que a edição em ciências humanas advém não somente dos princípios e lógicas de funcionamento do campo editorial, como também do próprio campo acadêmico/universitário com suas regras específicas e instâncias, tais como: avaliações dos pares, comissões, sistemas de avaliação nacional, coleções, conselhos de revistas e editoras universitárias, etc. Evidentemente, há muitos pontos de convergência, em particular quanto ao tipo de constrangimento que essas obras sofrem de lógicas exógenas (política e econômica, especialmente), ao peso da língua em que foram redigidas e aos suportes empregados (livros, artigos, impresso, on-line...), bem como os desafios intrínsecos do exercício da tradução (custos, domínio da língua). A isto deve-se acrescentar ainda a hipercentralidade atribuída ao inglês como língua de comunicação privilegiada (SAPIRO, 2012d).

Porém, como esclarece a mesma Gisèle Sapiro (2012d), esses aspectos variam tanto em função da história, tendências, disputas e horizontes de referências das disciplinas nos diferentes campos acadêmicos e universitários, quanto e decorrem de uma temporalidade própria da circulação de obras em ciências sociais e humanas. Isto significa que os condicionantes da tradução de livros de ciências sociais e humanas podem modificar-se devido a diversos fatores: quer em função do maior ou menor grau de proximidade das disciplinas com a literatura (algumas mais próximas do polo da descrição/narração e outras da modelização); quer em virtude das condições de institucionalização das disciplinas e dos modos de raciocínio da escritura, os quais não deixam de variar de uma tradição nacional a outra; ou até mesmo pela sua relativa autonomia das lógicas do mercado, o que se expressa por uma rotatividade mais lenta, menor rentabilidade, para não falar dos efeitos imprevistos provocados pelo processo de recepção, o qual está longe de induzir efeitos mecânicos (SAPIRO, 2012d; 2014). As razões da tradução das ciências humanas e sociais obedecem, desse modo, a uma geopolítica de modelos de organização, divisão e difusão do trabalho científico bastante desigual, como nos recorda a mesma Gisèle Sapiro em entrevista concedida recentemente (CAMPOS, 2014, p. 45, *tradução nossa*):

De modo geral, as chances para um livro de ciências humanas ser traduzido depende de vários fatores: primeiramente, a centralidade da língua de escritura, as traduções circulando principalmente das línguas centrais como o inglês e o francês em direção às línguas periféricas; secundariamente, o capital simbólico coletivo acumulado por uma tradição nacional em um domínio: por exemplo, a filosofia alemã possui um grande prestígio, a filosofia francesa igualmente, enquanto que a filosofia americana é pouco reconhecida; o capital individual inscrito no nome do autor: assim os autores da *French Theory*, Barthes, Foucault, Derrida, continuam a ser traduzidos sistematicamente (nós consagramos um capítulo de estudo ao empreendimento da tradução dos seminários de Derrida); a reputação do editor: as *Éditions du Seuil* chegam por exemplo ao topo em ciências humanas, segundo o número de títulos traduzidos nos países estudados, enquanto a Gallimard é a primeira em literatura; o tema do livro: os ensaios especulativos circulam melhor que os trabalhos empíricos – a filosofia tendo chegado ao topo das disciplinas do ponto de vista do número de títulos traduzidos –, mas há também os temas da moda, como a Segunda Guerra Mundial ou a gastronomia durante um tempo nos Estados Unidos, ou ainda, desde o 11 de setembro, o Islam; a recepção nacional e internacional da obra: as vendas de obras no país de origem e as traduções em língua estrangeira são levadas em conta quando do processo de decisão; o capital social do autor no país concernido, essa variável não sendo todavia independente de seu capital simbólico ao nível internacional, tal qual se manifesta nos convites aos colóquios ou para dar conferências, etc.

Evidentemente, entra aqui em pauta uma série de desdobramentos nos modos de se discutir a circulação internacional de obras das ciências humanas que vão muito além dos objetivos que propomos anteriormente. Sinteticamente, no entanto, destacaria dois pontos que merecem atenção no quadro de pesquisas. O primeiro diz respeito à necessidade de se investir com força na compreensão do processo de institucionalização das disciplinas em contextos periféricos como o brasileiro. Como visto em pesquisas recentes, ocorrem notáveis discrepâncias entre as condições periféricas e as centrais no que tange ao grau de autonomização intelectual face aos interesses e pressões externas com consequências nada desprezíveis sobre os “problemas” e “agendas” em pauta (CORADINI; REIS, 2012; REIS, 2013). Como segundo ponto, destacaríamos a importância sempre renovada pela discussão das formas de apropriação e ressignificação de autores e obras em contextos, temporalidades e as condições sócio-intelectuais variáveis, como se pode notar em alguns sugestivos trabalhos disponíveis aqui no Brasil (BORTOLUCI et al, 2015; CATANI et al, 2001; GRYNSZPAN, 2012; VILLAS BOAS, 2014; SIGAUD, 1999).

IV. Evidentemente, se todos esses aspectos são pertinentes para caracterizar as instâncias que exercem um papel importante no processo seleção e filtragem dos textos que serão traduzidos em literatura – controle de impressos, estrutura do campo editorial, coleções especializadas, políticas editoriais, espaço das revistas e periódicos (HEILBRON; SAPIRO, 2012, p. 24), bem como em ciências sociais e humanas, há todo um conjunto de operações técnicas e de modalidades de difusão cuja compreensão é fundamental para a constituição de uma efetiva *sociologia da recepção* (SAPIRO, 2014).

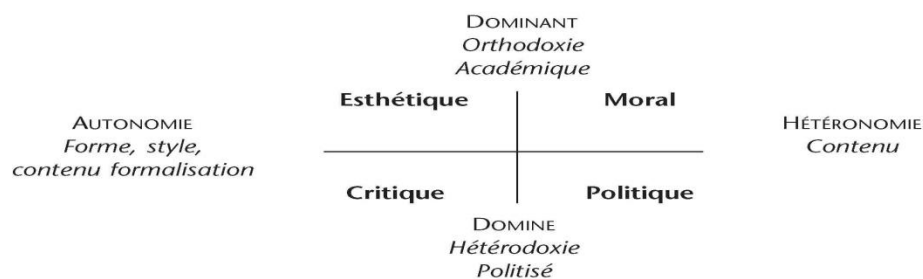
Algumas proposições recentes de Gisèle Sapiro (2014) mostram-se particularmente estimulante para uma sociologia dessas mediações e usos. A começar pela importância atribuída à própria *materialidade do texto* ou, como nos diria Roger Chartier (2002, p. 11), “à inscrição de um texto numa página impressa ou à modalidade de sua performance na representação teatral”. Por essa via, a autora sublinha uma pluralidade de formas de mediação que influem sobre a apropriação dos textos, tais como: os elementos pré e pós-textuais (dedicatórias, prefácios, posfácio...), os suportes empregados e a localização nestes (impresso, artigo, brochura, livros); as imagens e capas selecionadas, as comunicações na internet, a redação de comentários, recomendações, a publicidade nos lugares de venda ou nos meios de comunicação, etc. Uma abordagem dos prefácios e apresentações do autor ou dos tradutores poderia demonstrar, assim, tanto as estratégias adotadas para legitimar uma obra, quanto as conformações sucessivas e modificações de sentido a que ela se submete com o passar do tempo.

Uma vez publicada a obra, a recepção passa a ser mediatizada por interpretações, apropriações e ressignificações promovidas por diferentes agentes, profissionais (críticos, pares), amadores, pertencentes tanto ao campo literário ou intelectual, quanto externos a ele. É sem dúvida essa dinâmica que faz com que obras censuradas em determinados momentos possam tornar-se referências posteriormente ou o contrário disso. Nesse quadro, a crítica literária constitui, para Gisèle Sapiro (2014), uma das mediações maiores do processo de recepção e valorização das obras, servindo de instrumento privilegiado para o estudo da redefinição do espaço dos possíveis de autores e textos. Conforme a autora, os discursos críticos sobre a literatura variam principalmente em função do cruzamento de dois eixos de oposição – *dominantes/dominados*, *autonomia/heteronomia* – que estruturam o campo literário e podem ser representados conforme “tipos ideais de discursos críticos”:

Tipos ideais de discursos críticos

Os critérios de julgamento das obras existem em função da posição do emissor do discurso crítico no campo literário. Os discursos sobre a literatura variam, com efeito, segundo os dois principais fatores que estruturam o campo literário. O primeiro, que opõem os “dominantes” aos “dominados”, distingue as concepções *orthodoxas* das concepções *heterodoxas* da literatura. Com efeito, quanto mais o crítico ocupa uma posição dominante, mais ele tende a adotar um discurso acadêmico eufemizado e despolitizado – na forma – segundo as regras de conveniência do debate intelectual. Inversamente, quanto mais ele ocupa uma posição dominada, mais seu discurso tende a se politizar e a denunciar o conformismo e o academicismo dos pontos de vista dominantes.

Conforme o segundo fator, que opõe *autonomia* e *heteronomia*, as concepções da literatura e os discursos críticos se repartem entre, de um lado, aqueles que tendem a centrar-se sobre o conteúdo (a história, a intriga, os valores morais), de outro, aqueles onde prevalece a atenção atribuída à forma (narrativa ou poética) e ao estilo da obra, expressão da lógica de autonomização e de reflexividade crescente dos campos de produção cultural.



Sapiro (2010b)

Cruzando essas duas oposições – dominantes/dominados e autonomia/heteronomia – obtemos quatro tipos ideais de discursos sobre a literatura. O discurso dominante no polo da heteronomia assume a forma de um julgamento moral, enquanto que o discurso dominado desse polo é antes um julgamento político ou social. No polo autônomo dominante, é o julgamento estético que prevalece, enquanto que na vanguarda, onde a rotinização é denunciada como uma forma de ortodoxia, a renovação das formas literárias é concebida como um meio de subversão social.

Sem chegar a negar todo fundamento argumentado ao julgamento crítico, admitiremos que esse julgamento não repousa unicamente sobre critérios intrínsecos à obra, mas também sobre critérios externos tais como a reputação do autor se ele não é debutante, a reputação do editor (que tem ainda mais peso para os debutantes), e as apreciações críticas anteriores (SAPIRO, 2014, p. 90-91).

Considerações finais

Ao longo do texto, procuramos sugerir alguns eixos de análise que consideramos bastante heurísticos para a constituição de uma abordagem sociológica da tradução. Evidentemente, mesmo em se tratando de trabalhos pertencentes a uma mesma tradição teórica, são bastante diversificadas as pistas levantadas sobre a problemática das condições sociais de tradução em literatura e em Ciências Sociais. Porém, não é o caso de retomá-las nestas últimas considerações. Antes, levando em conta própria estrutura altamente hierarquizada que pesa sobre a lógica das transferências de bens culturais e simbólicos, como tentamos demonstrar, gostaríamos de destacar duas possibilidades analíticas que podem servir como desdobramento das proposições apresentadas para os autores ou leitores deste trabalho.

Em primeiro lugar, caberia examinar com maior detalhe os processos de tradução realizados entre países de línguas dominadas e/ou em posições periféricas no sistema de relações transnacionais, para lembrar de um dos fluxos mencionados por Pascale Casanova. Um exemplo bastante salutar desse exercício pode ser encontrado nos trabalhos de Gustavo Sorá (2002; 2003) que examinou a tradução de autores brasileiros em Argentina de um ponto de vista antropológico. Visando romper com as visões correntes no senso comum, que afirmavam o desconhecimento entre países vizinhos da América do Sul, Sorá explora então o histórico “denegado” de trocas de bens culturais entre essas duas nações, com atenção às “histórias editoriais e literárias de cada país, em um espaço onde se geram os sistemas de interesses capazes de promover a tradução-edição” (SORÁ, 2002, p. 62). Quer dizer, embora a globalização do mercado editorial imponha uma série de regularidades sobre a lógica de circulação internacional de obras, como já dito, esse tipo de abordagem parece favorecer uma percepção sobre as trocas culturais de uma perspectiva mais multilateral. Desse ângulo, por exemplo, o estudo da circulação e recepção da literatura colonial e pós-colonial pode ganhar novos matizes e contornos, além de favorecer maior refinamento às abordagens concebidas nos marcos das relações entre culturas dominantes e dominadas.

Em segundo lugar, o exame do processo de reinterpretção contínua de uma obra, como destaca Gisèle Sapiro (2014), mostra que a recepção constitui um processo que ultrapassa o quadro de produção de uma obra no tempo e no espaço, podendo fomentar sanções, reavaliações, controvérsias, polêmicas, etc., não apenas no campo de recepção, como também sobre o próprio prestígio e consagração do autor e da obra em

seu contexto de produção. Quer dizer, “as sanções positivas ou negativas que recebe uma obra ou uma produção cultural podem contribuir para redefinir o espaço dos possíveis” (SAPIRO, 2014, p. 92). Por essa via, também a título ilustrativo, o estudo dos efeitos da consagração literária sobre as trajetórias de indivíduos laureados em vida, e sobre os sentimentos e a própria percepção que tinham ou passam a ter de si (HEINICH, 1999), explorados quer por meio de entrevistas quer por intermédio do exame de memórias, autobiografias, etc., poderiam levantar facetas insuspeitáveis das ambivalências internas produzidas pelo acúmulo de reconhecimento social.

Referências

ALMEIDA, A. M^a. et al (org.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: Edit. Unicamp, 2004.

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento**. A geração de 1970 no crise do Brasil- Império. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2002.

BADIE, B. **L'État importé**: essai sur l'occidentalisation de l'ordre politique. Paris: Fayard, 1992.

BADIE, B. & HERMET, Guy. **Política Comparada**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BORTOLUCI, José Henrique; JACKSON, Luiz Carlos; PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio CONTEMPORÂNEO CLÁSSICO: A RECEPÇÃO DE PIERRE BOURDIEU NO BRASIL. **Lua Nova**, núm. 94, abril, 2015, pp. 217-256. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n94/0102-6445-ln-94-00217.pdf>. Acessado em: 26/08/2015

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

_____,. As condições sociais da circulação internacional das ideias. **Enfoques**. Revista Eletrônica, Rio de Janeiro, v. 1, n. 01, p. 4-17, 2002a. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/12>. Acessado em: 06/10/2010

_____,. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Editora Zouk, 2002b.

CAMPOS, Lucie. Géopolitique de la traduction. Entretien avec Gisèle Sapiro. **La Vie des idées**, 14 juillet 2014. ISSN : 2105-3030. URL : <http://www.laviedesidees.fr/Geopolitique-de-la-traduction.html>. Acesado em: 27/03/2016

- CANEDO, Leticia; TOMIZAKI, Kimi; GARCIA JR., Afrânio. **Estratégias educativas das elites brasileiras na era da globalização**. São Paulo, Hucitec-Fapesp, 2013.
- CARVALHO, J. M. de. **A Construção da Ordem**: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, Relume-Dumará, 2ª ed. revisada, 1996.
- CASANOVA, Pascale. Consécration et accumulation de capital littéraire: la traduction comme échange inégal. **Actes de la recherche en sciences sociales**. n. 144, Paris, set. 2002, p. 7-20
- CATANI, A. M. ; CATANI, D. B. ; PEREIRA, Gilson R M . As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo brasileiro. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 15, n. 1, p. 05-25, 2002.
- CHARTIER, Roger. **Do Palco à Página**: publicar teatro e ler romances na época moderna: séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- CORADINI, O. L. ; REIS, Eliana T. dos . Transações culturais, intelectuais e as ciências sociais. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 9(17), p. 9-17, 2012
- DANTAS, Marta Pragana; PERRUSI, Artur. Le reclassement d'une tradition : la traduction du français dans le marché éditorial brésilien., **Traduire la littérature et les sciences humaines**, Paris, Ministère de la Culture - DEPS , «Questions de culture», 2012.
- DANTAS, Marta Pragana. Tradução, trocas literárias e (a)d(i)versidade editorial. **Traduzires**, v. 1, p. 72-83, 2012.
- DEZALAY Yves et Bryant GARTH. **La mondialisation des guerres de palais**. La restructuration du pouvoir d'Etat en Amérique latine, entre notables du droit et "Chicago boys". Paris, Le Seuil, 2002.
- FERNÁNDEZ, Fruela. La sociologia crítica y los estudios de traducción: premisas y posibilidades de um enfoque interdisciplinar. **SENDEBAR**, 22 (2011), pp. 21-41.
- GARCIA JR., Afrânio. Les intellectuels et la conscience nationale au Brésil. **Actes de la Recherche em sciences sociales**, n. 98, p. 20-33, juin, 1993.
- GRYNSZPAN, Mario. Por uma sociologia histórica da circulação e da recepção de textos: Robert Michels e sociologia dos partidos políticos nos estados Unidos. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, vol. 20, n. 44, pp – 11-30, 2012.
- HEILBRON, Johan. Repenser la question des traditions nationales en sciences sociales. In: Gisèle Sapiro (dir.). **L'Espace intellectuel en Europe**. Des États-nations à la mondialisation. Paris, La Découverte, 2009, p. 310-318.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas. In: **Grafos**, João Pessoa, vol. 11, n. 2, Dez./2009.

HEINICH, Nathalie. **L'épreuve de la grandeur**. Prix littéraires et reconnaissance. Paris, La Découverte, 1999, 145p.

MARTINS, Luciano. A gênese de uma intelligentsia – os intelectuais e a política no Brasil, 1920-1940. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, p. 65-87, 1987.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. Rio de Janeiro, DIFEL 1979 .

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**, entre o povo e a nação São Paulo, Ática, 1990.

PESSANHA, E. G. F.; GARCIA JUNIOR, A. Encontros com Pierre Bourdieu e Destinos de sua Obra-Entrevista com Gisèle Sapiro. **Sociologia & Antropologia**, v. 03, p. 11-41, 2013.

POPA, Loana. Un transfert littéraire politisé. Circuits de traduction des littératures d'Europe de l'Est en France, 1947-1989. **Actes de la recherche en sciences sociales** 4/2002 (n° 144), p. 55-69

REIS, Eliana Tavares dos. Saberes em movimento: transações entre “intelectuais”, definições de ciências sociais e a “política”. In: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor G. **As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, pp. 21-74

SAPIRO, Gisèle. Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês. **Revista Tempo Social**. São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2004.

SAPIRO, Gisèle. (org.). **Traduire la littérature et les sciences humaines**. Paris, Ministère de la Culture – DEPS, Questions de culture, 2012a, 400 pages.

_____. Les raisons de traduire. **Traduire la littérature et les sciences humaines**. Paris, Ministère de la Culture – DEPS, Questions de culture, 2012b.

_____. Les obstacles économiques et culturels à la traduction. **Traduire la littérature et les sciences humaines**. Paris, Ministère de la Culture – DEPS, Questions de culture, 2012c.

_____. La circulation des sciences humaines et sociales en traduction : enjeux et obstacles à l'heure de la globalisation. **Traduire** [Online], 227 | 2012d

_____. **La sociologie de la littérature**. Paris, La Découverte: Repères, 2014, 128 p.

SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor G. **As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SEIDL, Ernesto. Estudar os poderosos: a sociologia do poder e das elites. In: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor G. **As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, pp. 179-226.

SIGAUD, Lygia. As vicissitudes do Ensaio sobre o Dom. **Mana**, 5, 2: 1999. pp. 89-124

SORÁ, Gustavo. **Traducir el Brasil**: una antropología de la circulación internacional de ideas. Buenos Aires, Libros del Zorzal, 253 p., 2003.

_____. Un échange dénié. La traduction d'auteurs brésiliens en Argentine. **Actes de la recherche en sciences sociales** 2002/5 (no 145), p. 61-70.

VILLAS BÔAS, Gláucia A Recepção Controversa de Max Weber no Brasil (1940-1980) **Dados** - Revista de Ciências Sociais, vol. 57, núm. 1, enero-marzo, 2014, pp. 5-